

R E V I S T A

# COOPAVEL

MAIO DE 2021 EDIÇÃO 448

COOPAVEL ADOTA PROJETO DE MANUTENÇÃO QUE REDUZ CUSTOS E IMPREVISTOS

PARCERIA OFERECE CICLO DE CURSOS ONLINE PARA O SETOR DA AVICULTURA

MILHO SAFRINHA É A NOVIDADE DA EDIÇÃO DE INVERNO DO SHOW RURAL

COOPAVEL



## Uma chance para **RECOMEÇAR**

Uma cooperativa promove transformações sociais e econômicas profundas nas suas comunidades. E na vida de estrangeiros, que deixaram suas casas e famílias em busca de dias melhores, elas são uma chance de recomeço. A Coopavel tem sete mil funcionários, desses quase 1,6 mil são migrantes em projetos de reconstrução pessoal e profissional



# TRABALHO, DIGNIDADE E UMA CHANCE PARA RECOMEÇAR



A Coopavel, que comemorou 50 anos em dezembro, tem em seus quadros 1.559 estrangeiros

FOTOS E TEXTO  
Jean Paterno

Uma das frases mais inspiradas do antigo ministro da Fazenda, Pedro Malan, dá a dimensão do desafio que é tentar entender o Brasil, um país marcado por paradoxos. De tão convencido dessa singularidade endêmica, Malan cravou: “No Brasil, até o passado é improvável”. Mas há dentro desse emaranhado todo um setor que comprova o verdadeiro potencial do País e de seus cidadãos. O agronegócio é responsável por 27% do PIB (Produto Interno Bruto) e por pelo menos 37% dos empregos.

Se por um lado educação, pesquisa e produção científica amargam posições pouco confortáveis nos rankings mais conceituados do mundo, por outro o agronegócio é

visto e reconhecido como sinônimo de performance elevada. O sucesso da cadeia do agro nacional se deve à eficiência e à especialização de muitos atores, além das condições de clima e solo. Um desses segmentos promove mudanças substanciais onde se estabelece, alimentando um círculo virtuoso que faz enorme diferença na realidade econômica e social da comunidade.

O cooperativismo é uma unanimidade. Do interior verdejante do Rio Grande do Sul ao semiárido nordestino, ele imprime marcas indelévels na face dos municípios e de seus habitantes. Com R\$ 115,7 bilhões faturados no ano passado, o movimento cooperativista paranaense é uma máquina geradora

de prosperidade. Sozinho, o Estado responde por cerca de 25% de tudo o que o cooperativismo movimentava anualmente no País. “Reconhecida-mente essa é uma força pulsante e transformadora”, diz o presidente da Coopavel Cooperativa Agroindustrial Dilvo Grolli.

As primeiras cooperativas agropecuárias foram criadas há cerca de 60 anos no Oeste do Paraná, onde estão algumas das maiores do Estado e do País (Coopavel, C. Vale, Lar, Copacol, Frimesa, Copagril e Primato). Juntas elas têm 65 mil cooperados, geram 47 mil empregos e faturam mais de R\$ 40 bilhões por ano. Elas fizeram brotar cidades do zero que compartilham alguns dos melhores índices de qualidade de vida e de renda per capita entre os 299 municípios paranaenses.

Os pilares do cooperativismo jamais estiveram tão fortes e tão conectados com o presente e com o futuro de suas comunidades. Se para os brasileiros as cooperativas significam a garantia de emprego com carteira assinada e uma vida digna, para estrangeiros, em sua grande maioria provenientes de países instáveis social, política e economicamente, elas são uma espécie de segunda chance. Para milhares de migrantes, as cooperativas são a possibilidade de recomeçar a escrever histórias que na maioria das vezes são de sofrimento, desilusão e também de esperança.

A Coopavel tem 7 mil colaboradores registrados. Desses, 1.559 mil são estrangeiros de 13 naciona-

lidades. “Aqui, vocês têm tudo em abundância, são generosos, simples, bondosos e acolhedores. O país é imenso, conta com inúmeras riquezas e uma das maiores reservas de água doce da Terra. Vocês têm tudo para prosperar e estar entre os grandes do mundo”, ressalta o haitiano Hudson José, 36, que há sete anos trabalha na Coopavel.

## **RESILIÊNCIA E CORAGEM PARA ABRIR A PORTA CERTA**

São 15h de um dia de verão do ano de 1999 e o sol nas Antilhas é de rachar. O calor escaldante não tira o ânimo de um grupo de meninos que se engalfinham na sombra de uma velha bola de futebol. Stanley, 7 anos, exibe sua energia em um campo esculpido por pés minúsculos nos arredores de Porto Príncipe. O calção é o único acessório que protege o corpo do garoto que jamais sonhou calçar uma Le Coq Sportif, a chuteira preferida dos infantes franceses.

Enquanto corre, defende, chuta e divide, Stanley se desconecta da realidade, a mesma que atormenta dez entre dez juvenzinhos haitianos. Quando não está com os amigos empoeirado até o pescoço no campo de terra, o menino estuda, ajuda nos afazeres da casa e pensa no futuro e no que ele trará. Conseguirá ser um proeminente corretor de imóveis? Um bem-sucedido gerente de supermercado ou um talento da informática? Stanley integra o sen-

so-comum, o retrato de um país caribenho pobre e com recursos pífios.

O que a geração de Stanley e dos seus colegas de pelada não imaginava é que a situação poderia ficar incrivelmente mais dramática. Um terremoto de magnitude 7 na Escala Richter chacoalhou freneticamente a pequena ilha em janeiro de 2010. O saldo foi trágico: 300 mil mortos e mais de 300 mil feridos. Sem dinheiro, governo e cidadãos não conseguem até hoje imprimir um ritmo sério e consistente à reconstrução do país, que segue exibindo as fraturas e feridas daquele fenômeno implacável.

O quinto mais grave tremor da história da humanidade deixou sequelas agudas na comunidade haitiana, que para piorar convive sob as regras de um regime ditatorial. Apenas 10% dos moradores conseguem ir à escola e mais de 80% são pobres no Haiti, condição que estimula milhares de jovens a buscar em outros lugares a realização dos sonhos que no seu país são metas impossíveis. Essa inquietação encorajou Stanley Luciem, hoje com 28 anos, a deixar a família e o emprego na área de informática em troca de uma perspectiva mais animadora.

## ADAPTAÇÃO

Quem já viveu a experiência sabe que não é fácil ficar longe do aconchego da família, dormir em uma cama que não é a sua e não contar com um gesto de afeto ou uma palavra de carinho quando as coisas não vão bem. A adaptação é um processo

complicado e Stanley sentiu o tamanho do problema na pele. Antes de chegar ao Brasil ele teve passagens por Cuba, República Dominicana e Equador. “O jeitão desses países, seu estilo de vida e a relação com os nativos não me agradou. Por isso, decidi arriscar um pouco mais”.

Cuiabá foi a primeira cidade escolhida para a odisseia verde-amarela. Foram seis meses de estadia, desempenho muito melhor que os anteriores. Por recomendação de um tio, Stanley acabou se aventurando no interior do Paraná. Mudou-se para Cascavel e logo começou a trabalhar em um emprego com carteira assinada na Coopavel. De amarrador de cargas a monitor, uma espécie de líder de seu setor, Stanley precisou percorrer um trajeto intenso. “Os desafios foram inúmeros, mas percebi que nessa empresa quem é dedicado e trabalha forte pode almejar posições melhores. Eu sou a prova disso”.

Com sete anos de empresa, o haitiano diz se sentir em casa e realizado. “O Brasil se tornou a grande chance que eu buscava e a Coopavel é o ambiente que permite que eu realize projetos e sonhos”, afirma Stanley, que se diz já adaptado ao estilo de vida da região. O jeito alegre, simples e acolhedor dos brasileiros tornou a experiência mais fácil e a possibilidade de ser o que quiser foi a condição que Stanley procurava para recomeçar. Mesmo com uma jornada puxada, ele encontra tempo para aprimorar conhecimentos. Ele já frequentou cursos de informática e de eletricitista predial e industrial



que a cooperativa oferta, gratuitamente, em parceria com o Sescop (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo).

## ESPERANÇA

Ao formatar a bússola do seu destino, Stanley abriu portas para possibilidades que ele jamais imaginou que teria. “No Brasil, consigo entender com mais propriedade o que significa a essência da palavra esperança. É ela que passou a pavimentar um caminho de realizações, de pequenas conquistas e de aprendizados. Aqui, na Coopavel, e na história em construção desde que cheguei a este país entendo esperança como algo bom e que coragem e força de vontade são os alicerces de todos que querem e merecem vencer”.

## PASSAPORTE PARA UMA VIDA MELHOR

O haitiano Hudson Jean, 36, levava uma vida de classe média no Haiti de antes do terremoto. Ele era recepcionista de uma companhia telefônica e ganhava o suficiente para bancar pequenos luxos, mas nada comparado ao Brasil onde já conseguiu comprar o seu primeiro carro e agora economiza para dar entrada na casa própria. “Por melhores que as coisas pudessem ser por lá, seria quase impossível pensar em acumular bens como esses”.

A crise de falta de emprego e humanitária que se abateu sobre o país fez com que Hudson comprasse passagem só de ida para o Brasil. Ele foi convencido a tentar a sorte pelo irmão e diz que não tem





Hudson está há sete anos na Coopavel e diz que já se sente em casa no Brasil

um pingo de arrependimento em ter aceitado o desafio. Casado com uma brasileira e pai de um filho de seis anos, o haitiano incorporou o português ao leque de línguas que domina – francês, espanhol e inglês. Hudson está há sete anos na Coopavel e se diz feliz com a vida nova.

“Aqui é uma terra de oportunidades e quero aproveitar o máximo. Sinto-me em casa”, afirma Hudson, acrescentado que os brasileiros contam com uma pátria que até pode ter problemas, mas que reúne condições excepcionais e difíceis de encontrar em outros lugares. “Vocês têm comida em abundância, são generosos, simples, bondosos e acolhedores. O país é imenso e tem inúmeras riquezas e uma das maiores reservas de água doce da Terra. Vocês têm tudo para prosperar e estar

entre os grandes do mundo”, ressalta o haitiano.

## QUANDO DESISTIR NÃO É UMA OPÇÃO

Recomeçar aos 45 anos, depois de uma carreira profissional bem-sucedida e de uma trajetória escolar primorosa foi a escolha inevitável que Delis Adriana Rojas Rendon precisou fazer. “Era isso ou seguir sem perspectiva nenhuma e assistir impotente o desmoronamento do meu país”, conta Delis, que há três anos está no Brasil e há dois é colaboradora do frigorífico de aves da Coopavel.

Professora que atuava há 15 anos em duas escolas na cidade de Upata, no estado de Bolívar, a venezuelana conta que o seu e o padrão de vida da grande maioria dos moradores caiu assustadora-



**Delis, a professora que é a personificação da persistência**

mente em pouco tempo. O salário da classe média evaporou e nos últimos anos a remuneração da educadora era equivalente a apenas dois dólares mensais, insuficiente para atender até mesmo as necessidades mais básicas. Decidir deixar a sua pátria em troca de uma possibilidade não é algo simples de fazer, segundo Delis, que acabou convencida pelos irresistíveis argumentos do filho a migrar para o Brasil.

Por sete meses, a professora morou em um abrigo improvisado em Boa Vista, no estado de Roraima. “Éramos muitos e todos estavam à procura de uma oportunidade”. A grande chance que Delis procurava veio com as palavras de um brasileiro que anunciava

trabalho com salário digno a estrangeiros, em cooperativas do interior do Paraná. Ela não sabia praticamente nada sobre esse novo destino, mas decidiu, mais uma vez, arriscar. “Quando não se tem nada, o pouco parece muito”, afirma a venezuelana.

Depois de horas abordo de um avião da Força Aérea, Delis e outros dissidentes desembarcaram na terra nova. O clima, a acolhida calorosa e o estilo moderno das cidades foram uma surpresa agradável e inesperada. “Fiquei estusiasmada. Cascavel é uma cidade linda e fraterna. Percebi de cara que as possibilidades de um recomeço de sucesso estavam a meu favor”. Não demorou para que a professora conseguisse na Coopavel a tão so-

nhada ocupação com salário justo. O percurso, no entanto, exigiu novos sacrifícios.

Acostumada à companhia dos livros e das salas abarrotadas de alunos, Delis precisou aprender um novo ofício do zero e em tempo recorde. Ela ignorava a lida dos aviários e das linhas de corte, mas teve que se conectar rápido à sua nova realidade. “Sempre fui muito resiliente e concentrada e essas virtudes ajudaram no processo de adaptação”. A facilidade da colaboradora em aprender não passou despercebida e a venezuelana gal-

ga uma carreira promissora devido ao seu bom desempenho por diferentes funções no frigorífico da cooperativa.

Delis é a personificação da persistência. É um bom exemplo de como a vida pode seguir por caminhos sinuosos e inesperados. Vestida de coragem e otimismo, a professora se reinventa e se diz grata: “Sinto-me acolhida e respeitada pela Coopavel e pelos brasileiros”. Chegando aos 48 anos, a mãe do Rafael, de 23, vê no horizonte brasileiro um colorido que a enche de esperança e alegria.

## O COOPERATIVISMO NO OESTE

Região abriga sete das maiores cooperativas brasileiras. Juntas, apresentam números que mostram a força e o vigor do setor – referência, exercício de 2020:

### Faturamento

**R\$ 40 bilhões**

### Cooperados

**65 mil**

### Empregos gerados

**47 mil**

### As sete cooperativas:

Coopavel, C. Vale, Copacol, Lar, Copagrill, Frimesa e Primato.

Coopavel acaba de chegar a uma marca histórica:

**7 mil**  
Funcionários